

Bom dia.

Ingressamos há alguns anos no doutorado. Na maioria, mulheres. Todos trabalhadores da saúde: biólogos, biomédica, dentista, enfermeiras, estatística, farmacêutica, fisioterapeutas, médicas, nutricionistas, psicólogas, tecnólogo ambiental, terapeuta ocupacional. Além de nossos obscuros objetos de estudo e a polêmica identidade de sanitaristas, carregávamos também nossas outras histórias. Ao longo do curso, nós parimos, casamos, divorciamos, adoecemos e até, vejam só, defendemos a tese de que a tese é só mais um pedaço de nossas vidas.

Porque a vida, definitivamente, não cabe no Lattes.

E se não cabe no currículo Lattes, também não nos cabe acreditar, nem por um segundo, numa academia que naturalize a meritocracia e as barreiras ao acesso à educação. Nós queremos ser mais que quinze formandos. Nós queremos ser mulheres, homens, trans, negras, indígenas, ribeirinhas, do campo e da favela em cursos de doutorado. Porque talvez assim nós consigamos enxergar melhor os tais determinantes sociais da saúde, para além de um discurso vazio de empoderamento que sai da boca dos que têm acesso. Discurso vazio porque silencia que a desigualdade em saúde tem origem na desigualdade de renda, na desigualdade no acesso e posse da terra, no racismo.

E se a vida não cabe no currículo Lattes, nós não podemos acreditar, nem por um segundo, em supostos planos de saúde de pobre para pobre e em outras propostas golpistas, ilegítimas, que querem naturalizar as políticas de ajuste. Aliás, nós não podemos deixar de acreditar, nem por um segundo, no compromisso com um Sistema Único de Saúde público, gratuito e universal, que um dia seja realmente único. Pra isso, temos de acreditar que usuários e trabalhadores da saúde também têm direito a emprego digno e à saúde.

Pra ter saúde e acreditar na saúde, nós, doutores do campo da saúde coletiva, não podemos aceitar, nem por um segundo, um trabalho acadêmico que hierarquiza e separa o trabalho manual do trabalho intelectual ou aquele que ganha tamanho e prestígio no tal currículo Lattes às custas da exploração do trabalho de outros pesquisadores e alunos. O produtivismo aliena e ele cabe direitinho no Lattes. Mas na vida dos formandos do doutorado desta casa, ah, na nossa vida, o Sistema Único de Saúde que não cabe no Lattes é aquele pelo qual vale a pena lutar.

Ocupa SUS! Ocupa Academia!